



Desobediências de gênero e afirmação da vida: Uma cartografia com o Grupo Dissonâncias

*Gender disobedience and affirmation of life:
A cartography with the Group Dissonances*

*Desobediencia de género y afirmación de vida:
Una cartografía con el Grupo Disonancias*

Joana Schlösser Camões Orlando¹
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Natalia Rezende de Araujo²
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

João Batista de Oliveira Ferreira³
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Dossiê

RESUMO

Como produzir rachaduras no modelo binário de gênero e nos modelos de representação existentes? Como perceber e intensificar os movimentos desejantes? Como nos encontramos com as diferenças? Este artigo tem por objetivo analisar e refletir sobre o dispositivo grupal como ferramenta de produção de narrativas dissidentes de gênero e de afirmação da vida. Trata-se de uma pesquisa-intervenção estruturada na epistemologia esquizoanalítica e no método cartográfico, acompanhando os processos de destruição e formação de territórios a partir dos encontros do Grupo Dissonâncias. Essa concepção de pesquisa fornece os aportes teóricos para analisarmos o grupo como catalisador de processos de rachadura das formas rígidas de ser, pensar e agir e a noção de não-binaridade de gênero como desobediência ao real social. Para além de autores e autoras da esquizoanálise, levantamos alguns saberes decoloniais de Jota Mombaça (2021) e abigail Leal (2021). Tomando o dispositivo grupal como ponto de partida buscamos intensificar as transversalidades e a criação de multiplicidades a partir de experimentações, incitar movimentos de fragmentação das normas de gênero e de expressão de modos de existência inconformes ao possibilitar o entrelaçamento de experiências. Os encontros realizados no Grupo Dissonâncias apresentaram-se como produção de desvio e de novos territórios existenciais com possibilidade de experimentações criadoras de multiplicidades e afirmadoras de vidas mais dignas.

Palavras-chave: Não- binariedade de gênero; Grupo; Subjetivação; Dissidências; Afirmação da vida.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador das temáticas de gênero e decolonialidade; <https://orcid.org/0000-0002-8319-5100>; Endereço eletrônico: joana.jscorlando@gmail.com

² Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisa principalmente sobre Saúde Mental, Gêneros e Sexualidades, Clínica Transdisciplinar, Produção de Subjetividades e Epistemologias Feministas e Decoloniais.; <https://orcid.org/0000-0003-2033-0384>; Endereço eletrônico: nataliarezendearaujo@gmail.com

³ Professor associado e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e da Graduação em Psicologia da UFRJ. Psicólogo (UFRGS). Doutor em Psicologia Social (UnB). Pós-doutorado em Filosofia (Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne). Coordenador do Núcleo Trabalho Vivo - Pesquisas e Intervenções em Arte, Trabalho, Ações Coletivas e Clínicas (IP-PPGP-UFRJ). <https://orcid.org/0000-0002-7723-744X>; Endereço eletrônico: ferreira.jb@gmail.com;



ABSTRACT

How to produce disruption in the gender binary and in the existing models of representation? How to sense and intensify desire flows? How do we meet with differences? This article aims to analyze and discuss the group device as a production tool of dissident and life-affirming narratives of gender. It is a research-intervention structured in schizoanalytic epistemology and in the cartographic method, following processes of destruction and formation of territories starting from the meetings held in Group Dissonances. This research conception provides the necessary theoretical contributions to analyze the group as a catalyst for processes of cracking rigid ways of being, thinking and acting and the notion of gender non-binary as a disobedience to the social reality. Beyond the authors of schizoanalysis, we brought in some decolonial knowledge created by Jota Mombaça and abigail Leal. Stem from the group device we sought to intensify the transversalities and the creation of multiplicities from experimenting, by inciting movements of the fragmentation of gender norms and the expression of non-conforming ways of existence by enabling the entanglement of experiences. The meetings held in Group Dissonances were presented as a production of deviation and of new existential territories with the possibility of experimentation that create multiplicities and are affirmative of more dignified lives.

Keywords: Gender non-binarity; Group; Subjectivation; Dissidences; Affirmation of life.

RESUMEN

¿Cómo producir fisuras en el modelo binario de género y en los modelos de representación existentes? ¿Cómo entender y intensificar los flujos productores de deseo? ¿Cómo nos encontramos con las diferencias? El propósito de este artículo es analizar y ponderar sobre el dispositivo de grupo como herramienta productora de discursos disonantes de género y de afirmación de la vida. Se trata de una investigación-intervención basada en la epistemología esquizoanalítica y en el método cartográfico, siguiendo los procesos de destrucción y formación de territorios a partir de los encuentros del Grupo Disonancias. Una investigación como tal nos ofrece los aportes teóricos necesarios para analizar el grupo como catalizador de procesos de fisuras de las formas rígidas de ser, pensar y actuar y de la noción de no binariedad de género como desobediencia a lo real social. Además de los autores y autoras de el esquizoanálisis, debatimos los saberes decoloniales de Jota Mombaça y abigail Leal. El dispositivo grupal buscó intensificar la transversalidad y la creación de multiplicidad a través de los experimentos, fomentar los movimientos de fragmentación de las normas de género y la expresión de modos de existencia de no conformidad, permitiendo el entrelazamiento de experiencias. Los encuentros realizados en el Grupo Disonancias se presentaron como producción de desvío y de nuevos territorios existenciales con posibilidad de experiencias creadoras de multiplicidad y afirmadoras de vidas más dignas.

Palabras clave: No binariedad de género; Grupo; Subjetivación; Disidencia; Afirmación de la vida.

Traçando linhas desobedientes de gênero

A não-binaridade de gênero, diferente da cisgeneridade, que se pretende natural e auto evidente, reivindica seu lugar na dúvida e na problematização dos gêneros designados ao nascimento conforme o órgão genital. “Nem menino nem menina, nem homem nem mulher, eu sou a flor de mururé” (MURURÉ, 2019). Abdicar de categorias, que de certo modo ocupamos por muito tempo, é o primeiro passo para desfazer territórios que nos imobilizam, diminuindo a intensidade do desejo, o grande responsável pelos processos de criação e singularização. Perceber os fluxos produtores de desejo é fundamental para produzir

rachaduras no modelo binário de gênero e nos modelos de representação de modo geral. Introduzidos pela colonialidade, ainda persistem e insistem em capturar os processos de subjetivação. É “um *trans-bordamento político* (a força extrapola os limites do saber e da percepção)” (LEAL, 2021, p. 36). É importante destacar que neste artigo optamos pelo uso da linguagem neutra para incluir todas as pessoas a quem nos referimos, sem identificá-las e também como uma forma de questionar o masculino genérico, universal e dominante difundido na língua portuguesa.

Como pessoas que se veem na dissidência de gênero, acreditávamos que apostar na potência do dispositivo grupal poderia desembocar na produção de mundos inesperados e importantes para quem frequentemente carece de espaços de acolhimento e produção de vida. Fizemos, então, a proposta do Grupo Dissonâncias: nos reunimos semanalmente de forma remota, durante cinco semanas, em encontros de duas horas. As vagas para participação no Grupo foram ocupadas a partir do preenchimento de formulário online. Éramos 12 participantes no total, sendo dois participantes-cartógrafes-analistas do Rio de Janeiro. Devido ao modelo remoto, se inscreveram pessoas de vários estados. Participaram ao todo dez pessoas da região sudeste, uma pessoa da região norte e uma pessoa da região sul do Brasil. Acreditamos que a concentração de pessoas da região sudeste ocorreu devido ao modo de compartilhamento do formulário, que se deu através de nossas redes sociais.

A partir de nossas experimentações no Grupo e em grupo, procuramos cartografar processos de subjetivação não-binários. Compartilharemos, neste artigo, fragmentos cartográficos. Não desejamos, com isso, dar conta da realidade plural dessa minoria política, mas trazer esse território de disputa para o meio da produção acadêmica, onde ainda se fala pouco a respeito e, quando se fala, é majoritariamente pela perspectiva cisgênero. Assim como Rolnik (2016) aponta que na cartografia devemos estar atentes às estratégias do desejo, procuramos no trabalho grupal cartografar os territórios existenciais dos participantes, acompanhar seus movimentos e nos atentar para os fluxos desejantes que buscam se intensificar. Compreendemos a cartografia, com base nos trabalhos de Rolnik (2016), como processo de produção de conhecimento que não está dado *a priori*, mas que se realiza no encontro com o outro, conforme ela esboça linhas de composição e decomposição da



paisagem em seus processos de transformação (ROLNIK, 2016). Nesse sentido, como psicólogos e “supostos pesquisadores detentores do conhecimento”, buscamos tensionar os lugares assimétricos nas relações com todes do Grupo. Logo, ao invés de ocuparmos a posição de quem revela sentidos de mundos que estão se fazendo, nos posicionamos como suporte dos movimentos de expansão e expressão (ROLNIK, 2016). “O Cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar” (ROLNIK, 2016, p.65), pois a antropofagia se faz de experimentação e improvisação na criação de novos territórios (ROLNIK, 2016).

A insistência no modelo binário de divisão dos seres humanos em mulheres e homens cristaliza os modos de existência e limita o aparecimento de multiplicidades. Dessa forma, as dissonâncias de gênero que ousam enfrentar tal norma aparecem nas brechas dos modelos rígidos que nos são impostos. Nossos modos de existência estão o tempo todo sendo vigiados, de modo que qualquer movimento de transgressão está sujeito à repressão, a diferentes formas de violência. Logo, afirmar nossas existências inconformes e desobedientes de gênero não é uma tarefa fácil, o que nos leva a frequentemente ocultar nossos modos de ser, pensar e agir.

Diante desse cenário, pessoas trans, incluindo pessoas não-binárias, se veem despotencializadas e receosas quanto à autoafirmação de suas existências dissidentes. Por isso, não raro duvidam do modo como se percebem, chegando a questionar se a fuga de gênero é “loucura da cabeça”, como trouxeram alguns participantes do Grupo. Com relação a essa dúvida, que gera angústia e muitas incertezas do que está por vir, Jota Mombaça fez menção na 11ª edição da FLUP (2022) - Festa Literária das Periferias - sediada no Rio de Janeiro, a um trecho de livro de Octavia Butler para convocar o debate a respeito de acreditar no que se percebe: “ela havia decidido que a realidade era tudo aquilo que acontecesse, tudo aquilo que ela percebesse. Já havia lhe ocorrido (quantas vezes?) que poderia estar insana ou sob efeito de drogas, doente ou ferida” (BUTLER, 2018, p.11).

É deste modo que Susy Shock (2013) se expressa sobre o modo como percebe a afirmação de sua existência dissidente de gênero: “Eu, reivindico meu direito a ser um monstro. Nem homem nem mulher. Eu, monstro de meu desejo, carne de cada uma das minhas pinceladas” (SHOCK, 2013, p.12-3-4 apud LEAL, 2021, p. 37-38). Pode soar um tanto estranho para quem lê esse fragmento a aproximação da ideia de monstruosidade à de

afirmação da vida. Que bom! Contamos com esse estranhamento para convidar as pessoas leitoras deste artigo a percorrer conosco os caminhos a seguir. Falaremos aqui de "uma fresta no tecido da História y na concepção eurobranca do Tem/po, deixando ver de uma forma ainda precária, transformações epocais do 'agora', que por todos lados nos excedem" (LEAL, 2021, p.17). Para traçar algumas linhas de (de)composição dessa fresta, utilizaremos de nossa experiência no Grupo Dissonâncias e de autoras que compartilham suas experiências como desobedientes de gênero, assim como pessoas autoras decoloniais e da esquizoanálise.

Vamos começar falando sobre o conceito de dispositivo grupal e como podemos recorrer a ele para traçar uma cartografia dos processos de desterritorialização e de produção de territórios existenciais desobedientes de gênero. Em seguida, falaremos sobre a não-binariedade de gênero e o contexto de sua produção desviante das ferramentas coloniais de captura. A partir dos acontecimentos que experimentamos em grupo, vamos acompanhar os fluxos desejantes que buscam se intensificar, os movimentos que os impedem de fluir, e os efeitos produzidos pela conexão de modos de existência a outros modos. Acompanharemos também os processos de experimentação dos integrantes do Grupo em seus movimentos desviantes e de enfrentamento às normas de gênero, apostando nas experimentações criadoras de processos de singularização. Nos posicionaremos contra os regimes de reconhecimento e categorização, assim como falaremos dos processos de resistência que se fazem nas coletividades a partir das proposições de Mombaça (2021). O tempo todo seguiremos acompanhados por Abigail Leal (2021) e Mombaça (2021), apostando na fuga do binarismo de gênero e no fim do mundo como o conhecemos. Insistiremos na afirmação de existências impossíveis e que não querem se fazer entender, pois acreditamos na força das multiplicidades, na potência das brechas e na afirmação monstra da vida. Acima de tudo, apostamos nos processos, que se fazem no "entre", contra as capturas, onde as existências impossíveis são possíveis.

Mas então, querida pessoa que lê este texto, esteja você aqui porque caiu de paraquedas ou porque a temática lhe convoca: como confiar e insistir nas nossas dissonâncias radicais do imperativo de gênero quando nos deparamos com elas? Traremos ao longo do artigo uma cartografia dos movimentos desejantes desobedientes de gênero, uma cartografia



das brechas, feita nas brechas. A fim de não nos perdermos em meio aos fluxos que correm em todas direções, e buscando preservar o rigor de uma escrita que busca minimamente compartilhar uma experiência, nos manteremos conectados à seguinte pergunta: como o dispositivo grupal pode potencializar os movimentos de afirmação das vidas dissidentes de gênero?

1. Linhas em fratura de categorias e composição de monstruosidades

O grupo é pensado como o encontro com a diferença, como dispositivo e ferramenta clínica, é um catalisador de processos de rachadura das formas rígidas de ser, pensar e agir, e da criação de multiplicidades. Trabalha-se com o inesperado, que se apresenta como produção de desvio, possibilitando a problematização de linhas que capturam o desejo e a intensificação de linhas que o afirmam. A esse movimento incessante de captura das nossas intensidades por formas rígidas, somado ao questionamento, à fragmentação desses instituídos e à produção de intensidades que escapam, damos o nome de processos de subjetivação (BARROS, 2007). Uma vez que os processos de subjetivação acontecem em coletividade e no contato com a multiplicidade dos modos de existência, pois não estão isolados do mundo, é fundamental investigar as dissidências do binário de gênero no contexto da sua produção. Apostamos que as relações estabelecidas entre integrantes do Grupo, cuja não-binariedade convoca a um constante não-lugar na dicotomia homem-mulher, podem ser produtoras de sentidos ao possibilitar a criação de novos territórios existenciais pelo encontro com diferentes modos de ser não-binário.

Vale ressaltar que o objetivo do Grupo não foi reunir não-binários para encontrar um comum entre eles, pois isso levaria à aniquilação da diferença e dos processos de singularização. Portanto, dada a importância dos encontros e das relações que se desenham a partir deles, aproximaremos, aqui, noções trabalhadas por algumas pessoas autoras e que nos ajudam a compor uma cartografia de esboços a respeito da não-binariedade de gênero e de caminhos percorridos nos encontros em grupo. Quando falamos de grupo não estamos nos referindo à dinâmica de grupos, pois apostamos em processos e no encontro com a diferença como produção de desvios, conexões múltiplas a partir de experimentações, criação de novos

territórios existenciais. Recusamos práticas pré-determinadas e que se baseiam em um objetivo final a ser alcançado, uma vez que grupo não é uma substância, não é uniforme, logo, não deve ser fechado em si mesmo. Trata-se de um dispositivo produtor, que coloca algo em funcionamento em uma realidade social específica (BARROS, 2007). Portanto, é nisso que estamos pensando quando trazemos o grupo como dispositivo de intervenção e sustentado pela cartografia de percursos desobedientes de gênero em seus processos de afirmação de modos de existência.

A não-binariedade de gênero faz referência às pessoas, que além de não se identificarem com o gênero designado ao nascimento, não se identificam com o gênero oposto, pois não se sentem contempladas exclusivamente pelas categorias “homem” ou “mulher”. É possível, entretanto, que se reconheçam como homens e mulheres ao mesmo tempo, com gêneros outros ou até nenhum gênero, abdicando radicalmente dessa categoria, ou seja, não necessariamente as pessoas não-binárias vão se entender em um gênero “neutro”. São possibilidades infinitas de existência. Compõe uma experiência não-binária o questionamento da cisgeneridade como algo que está dado e que nos é imposto pelo modo classificatório de compreensão e produção do mundo, o qual se organiza a partir da racionalidade, de categorias e de dualismos (natural/artificial, humano/animal, homem/mulher, bom/ruim, etc.).

Um conceito importante para questionarmos o estatuto ontológico do gênero é o de colonialidade. Maria Lugones sintetiza algumas contribuições de Aníbal Quijano sobre essa temática e coloca que:

... “colonialidade” não se refere apenas à classificação racial. Ela é um fenômeno mais amplo, um dos eixos do sistema de poder e, como tal, atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/intersubjetividade, e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas relações intersubjetivas (QUIJANO, 2008, p.57).

Abdicar dessas ferramentas coloniais pressupõe rasgar as (próprias) referências que se têm até então, colocar-se em deriva, entrar em contato com outras forças, afetos, saberes. Esses movimentos fazem parte do processo de descolonização: "para Frantz Fanon, a descolonização é um jogo de forças, uma tentativa violenta de desfazer a fila do mundo"



(LEAL, 2021, p.21). Diz respeito a um processo de desfazer-se e refazer-se, que prioriza a dúvida infinita de quem se é. A problematização do que está(va) dado e a dúvida passam a perpassar o campo afetivo, extrapolando o pensamento e a racionalidade. Como parte das micropolíticas, das micro brechas desse processo, são experimentados e criados outros territórios de existência e superfícies habitáveis, traçadas linhas de fuga que se abrem e atualizam a todo tempo. Esboçam caminhos temporários, múltiplos e indefinidos, que tornam possível afirmar as existências não-binárias sem capturá-las e enquadrá-las em categorias limitantes, nas quais os sentidos já estão dados, além de não as reconhecer como existências legítimas (LEAL, 2021).

Pegamos emprestadas as noções de desobediência e desidentificação propostas por Leal (2021) e Mombaça (2021) para percorrer os caminhos das rachaduras, as vias à margem dos gêneros impostos, e criar modos outros de existência que se aproximem do que as autoras vão chamar de monstruosidade (MOMBAÇA, 2021; LEAL, 2021). Leal propõe a ideia de desobediência como uma recusa às lógicas binárias de gênero, fazendo uso de ferramentas “que des-locam a linguagem sexual e epistemológica ocidental” (2021, p.30), e rearticulando os modos de ser para que se criem outras (im)possibilidades. São “maneiras por meio das quais corpos que desertam das lógicas binárias de gênero y da heterossexualidade compulsória” (LEAL, 2021, p.16), que não querem se fazer entender, criam outros circuitos, caminhos formados por “arquipélagos informais e opacos” (LEAL, 2021, p.27).

Desobedecer é uma prática constante e infinita que exige abertura para o desconhecido, o incompreensível e o impossível. A produção de sentidos outros e múltiplos pressupõe a destruição do que nos foi dado como natural e verdade absoluta, modos de conhecer centrados na razão, na moral e em dicotomias. Precisamos enfrentar o desconforto que é não saber; desorganizar estruturas, desconhecer pressupostos e ficar com a incerteza dos processos, das conexões que não param de se fazer e desfazer (BARROS, 2007). Fracassar em corresponder às expectativas de gênero, que nos são impostas desde a gestação, é desobedecer. Assumir o fracasso, diferente de afirmar um imobilismo, é abrir mão de buscar o reflexo perfeito das imagens em espelhos, criar modos alternativos, precários e confusos. “Aqui o fracasso dá o tom de uma *deriva ontogeográfica*, como (não)condição da existência” (LEAL, 2021, p.32).

A desidentificação como um “movimento nômade de construção de uma subjetividade e corporeidade que ainda nem compreendemos” (LEAL, 2021, p.71), como alternativa às imagens que se propõem representativas das subjetividades, é uma aposta também de Preciado (2018). Se desconhecer é se distanciar de identidades cristalizadas no tempo e no espaço, é recusar tanto assumir papéis específicos do gênero que foi designado ao nascer quanto papéis do gênero “oposto”, pois se trata de se afirmar em movimento singular permanente e não de ser uma dissidência capturada pela lógica binária de gênero. Portanto, que possamos escolher a “afirmação monstra da vida” (LEAL, 2021, p.31), que para Shock (2013 apud LEAL, 2021, p.29) “é atravessada pelo *esfacelamento*, mas também pela *experimentação e criação*”, pois a experimentação infinita é o caminho que não tem aonde chegar e não quer chegar a lugar algum. Logo, a monstrosidade não tem contornos delineados, ela se afirma no impossível e no fracasso (de gênero e de legitimação de uma humanidade), onde o fracasso é “estratégia vital afirmativa” (LEAL, 2021, p.33), aumento de potência e não diminuição (LEAL, 2021). Já nos disse Preciado (2020): “Eu sou o monstro que vos fala. (...) Prefiro minha nova condição de monstro à de homem ou mulher, porque essa condição é como um pé que avança no vazio, apontando o caminho para outro mundo.” Afirmar-se um monstro é traçar uma linha de fuga (LEAL, 2021), é se colocar no “entre”.

Ao contrário do que muitos pensam, o rompimento com o binário de gênero não é algo fugaz ou impulsivo. Não é por ser um “entre”, que se faz pela experimentação e pelo movimento incessante, que se trata de algo passageiro e superficial. Ainda, mesmo que fosse, não deveria ser fator relevante para questionar uma existência, pois todos nós temos direito à experimentação; faz parte do próprio processo de experimentar, vagar, se perder e errar, tornar a der-rota habitável (LEAL, 2021, p.115).

Acompanhamos, ao longo dos encontros em grupo, enquanto íamos traçando esboços, as linhas constituintes de território e as linhas que dele escapam produzindo saídas (linhas de fuga), os afetos que escapam (ROLNIK, 2016), em processo de desterritorialização, criando brechas para novas composições. Além disso, atentamos às linhas que enquadram e traçam padrões de normalidade, nos mantêm conectadas e reproduzindo padrões que nos paralisam (BARROS, 2007).



As infinitas linhas que apareceram nos encontros constituem os dispositivos, que são emaranhados de linhas de múltiplos tipos, que correm e cruzam em direções infinitas e vibram em intensidades variadas, nunca estando parados. São essas linhas que constituem as grandes dimensões: saber, poder e subjetivação. A relevância desse conjunto de linhas, que são tanto de estratificação quanto de fissura, reside no fato de que os dispositivos “são máquinas para fazer ver e para fazer falar” (DELEUZE, 2016, p.360), que a partir das linhas de força, determinam o visível e o invisível. Linhas de subjetivação configuram um processo de subjetivação em um dispositivo, escapam de territórios sedimentados e de conceitualizações universais, dando espaço para movimentos de criação, esboço de movimentos outros. É sobre esses aspectos dos dispositivos que devemos nos debruçar para pensar o grupo como um dispositivo. Para isso é preciso acompanhar as linhas, desembaraçá-las e percorrê-las.

No primeiro encontro do Grupo Dissonâncias, propusemos um dispositivo de intervenção para que cada pessoa se apresentasse. Além de nome e pronomes, sugerimos que cada uma levasse para o encontro algo para compor essa apresentação - um desenho, um texto, uma pintura, uma música. Fizemos essa sugestão da forma mais aberta possível, de modo que aparecessem expressões espontâneas, e que fosse da escolha de cada participante como gostaria de estar presente neste primeiro momento. Pretendíamos com a proposta que não fosse uma apresentação por formalidade, mas convocasse afetivamente os participantes à criação e também não se limitasse às formas mais convencionais de apresentação, que colocam importância em idade e ocupação profissional. Conforme cada uma se apresentava, apareciam comentários e emergiam composições de singularidades que estavam se fazendo no encontro. Dentre os acontecimentos daquele encontro esteve o momento em que uma pessoa espontaneamente disse que havia trazido a própria pele, apontando para uma tatuagem, e outra que se apresentou contando que era roteirista, mas que naquele dia viera sem roteiro. Foi o modo como elas encontraram de introduzir ali um modo de existência à beira de se transformar. Os encontros que tivemos produziram intensidades que nos puseram a vibrar em movimentos de destruição e composição; sucessão incessante de conexões produtoras de vida entre as diferenças que apareceram ali. Assim foi se fazendo o tom de um encontro, que mesmo após o término das horas juntas, continuou a ressoar em nós.

Baremlitt (1984) e Barros (2007) entendem o grupo como uma máquina concreta articulada a outras máquinas sociais. Isso significa que grupo não se trata de uma abstração, mas de agenciamentos entre a realidade social e as multiplicidades que o compõem. O grupo aparece como dispositivo potente de criação e de ruptura de cristalizações, uma vez que promove o encontro com o inesperado. Não se deve, portanto, buscar um denominador comum entre os discursos grupais, pois isso congelaria os processos de singularização. O que une o grupo é exatamente a diferença em sua multiplicidade. Grupo não é o oposto de indivíduo, nem um intermediário entre indivíduo e sociedade; ele se conjuga com o social, dando ênfase ao campo dos afetos, a como afetamos e somos afetados (BARROS, 2007). Desse modo, é importante conectar o desejo à máquina social, visto que a produção do desejo não está desassociada das produções do socius, pois juntos produzem territórios, sendo um, condição de existência do outro. “Essa subjetividade, múltipla, circulando nos tecidos sociais, poderá ser apropriada de forma criativa, produzindo singularizações” (BARROS, 2007, p.285). Se o desejo é produção e produção é desejante, ambos são fluxos que se conectam produzindo territórios (BARROS, 2007). “O desejo só pode ser vivido em termos de singularidade” (GUATTARI, 1986, p.47 apud BARROS, 2007, p.287). Singularizar é romper com e escapar às naturalizações, inventar e criar “modos de existência que não sobrecodifiquem as experiências” (BARROS, 2007, p.285). As multiplicidades são fundamentais para a emergência de processos de subjetivação, inevitavelmente coletivos (BARROS, 2007), sendo um coletivo composto por multiplicidades e não um sinônimo de somatório de pessoas ou agrupamento indiferenciado. “O traço comum entre os diferentes processos de singularização é um devir diferencial que recusa a subjetivação capitalística” (GUATTARI, 1986, p.47 apud BARROS, 2007, p.287). A diferença é diferença de potencial, energia não individuada, heterogênea (BARROS, 2007).

O desconhecido dispara movimentos inesperados, uma vez que no tecido grupal ocorrem conexões com diferentes modos de existência, não apenas entre pessoas diferentes. A partir do dispositivo grupal podemos perceber um mundo outro de possíveis e também nos desidentificar com existencializações que não fazem mais sentido (BARROS, 2007). O grupo é suporte e extensão dos modos de expressão que emergem como potencialidade para outras



existências. Ao ouvir o outro, experimentamos ouvir “outros contextos de produção de sujeitos, outras línguas para outros afetos, outros modos de experimentar” (BARROS, 2007, p.312), criamos a possibilidade de ouvir “outros-de-si” (BARROS, 2007, p.312) e de vivenciar de outro modo as angústias frente aos processos que vivemos. Percebemo-nos diferentes, experimentando outros processos de singularização (BARROS, 2007). O grupo como dispositivo é lugar de produção de conexões e de transformação, é uma experiência de composição que convoca outros movimentos, do que está dado, para a produção de desvios e criação de outras formas. Ele agencia processos de subjetivação. Por isso, Barros afirma que “pensar o grupo é pensar efeitos” (2007, p.309).

Ao nos conectarmos com o desconhecido, somos convocados a reorganizar nossos modos de perceber o mundo, a começar pelo questionamento e a destruição de lugares sobrecodificados (BARROS, 2007). Baremlitt (1984) e Barros (2007) chamam a atenção para o dispositivo de grupo como catalisador de processos de desterritorialização e produção de linhas de fuga. Nos processos de experimentação, as linhas que compõem os territórios são localizadas e apontadas (são linhas rígidas ou linhas de fuga? sedimentam territórios ou rumam a outras direções?), logo, os trabalhos em grupo estão sempre em busca das vias de diferenciação e conexão, são catalisadores da fragmentação de territórios que buscam se aproximar de outros territórios e outras intensidades: “a crise é, sempre, o problema que surge quando o novo ou a diferença irrompe. (...) A crise é a rearticulação e a tensão de um *jogo caótico de forças*.” (LEAL, 2021, p.20). Crises desmontam estruturas rígidas e nos fazem questionar pressupostos que tomamos como verdade absoluta, assim como territórios aos quais não nos sentimos mais pertencentes. São “curto-circuito[s] generalizado[s]” (ROLNIK, 2016, p.95), fundamentais para o processo analítico. O processo de criação de novos territórios existenciais e de intensificação do desejo faz parte do processo clínico. “Busca-se a criação de vastas dimensões onde o desejo possa se expressar, se conectar” (BARROS, 2007, p.298). Por isso, é importante salientar que esse processo se dá por vias de experimentação, não de interpretação.

Nos encontros do Grupo Dissonâncias foram criadas interrogações a respeito de totalizações substancializadoras, movimentos de desobediência de gênero que se propuseram a questionar a cisgeneridade. “Nós ouvimos os sussurros e nos dedicamos a montar e

desmontar o quebra-cabeça” (MOMBAÇA, 2021, p. 114). A partir de pequenas fissuras, que foram se ampliando conforme as linhas de um mapa da coletividade iam sendo costuradas, foi se fazendo possível expressar e experimentar outros modos de existência, imaginar (im)possibilidades. Nesse contexto, o coeficiente de transversalidade grupal (GUATTARI, 1987) aumentou, ou seja, tensionamos as noções de verticalidade e horizontalidade, que aparecem em muitos coletivos, e nos colocamos atentos ao que ês integrantes traziam e a como as intensidades desejantes operavam. Nos interessava o modo como as composições produzidas variavam, como as problematizações e a produção dos afetos eram vividas, pois a potência de variação e a composição de multiplicidades eram fundamentais (BARROS, 2007). As ferramentas de intervenção nos grupos, a partir de uma metodologia cartográfica, não estão centralizadas na figura dos analistas, pois esses atuam como integrantes dos grupos, não estão à parte, ocupando posições hierárquicas. Logo, os movimentos de intervenção podem ser feitos por qualquer pessoa e são criados diante das situações que se apresentam (BARROS, 2007). Em diversos momentos dos encontros com o Grupo, ês participantes fizeram intervenções que provocaram desvios e afirmação de modos de existência, possibilitando uma multiplicidade infinita de composições que se expandem para além da circunscrição de espaço-tempo do Grupo.

“As pessoas estão, como nunca, expostas a encontros aleatórios, a afetar e serem afetadas de todos os lados e de todas maneiras: a se desterritorializarem” (ROLNIK, 2016, p.89). Frente às incertezas que acompanham a desterritorialização, uma participante decidiu que ficaria mais um tempo morando na cidade onde estava, que não era a de sua residência permanente, pois se retornasse quando havia planejado, achava que perderia tudo o que conquistara nesse hiato. Mudar de nome e os pronomes, dentre outras coisas, longe de mundos habituais, se fez uma possibilidade, assim como se fez necessário esperar mais um tempo para afirmar esse novo modo de existência, criar alguma sustentação neste novo território, permitindo que ele se organizasse (ROLNIK, 2016), para poder enfrentar tentativas de aniquilação vindas de outres ao voltar para casa.

Ouvir um relato de experiência com uso de testosterona suscitou vários questionamentos, incertezas, desejos e medos: participantes se desidentificando com o nome



de registro, usando outros pronomes, escolhendo outro nome, falando sobre a experiência de solicitar que outros pronomes fossem usados e sobre a primeira vez que perguntaram quais pronomes ela utilizava. Por ser um assunto delicado e com muitas variáveis, a decisão de se harmonizar acaba gerando angústia, que é mobilizada pelo medo de certos mundos desabarem, ao mesmo tempo que é “a energia da nascente de mundos” (ROLNIK, 2016, p.51). Nesse sentido, ouvir de uma pessoa trans, e não de uma pessoa cis, médica ou psicóloga, que o processo de se harmonizar pode ser encarado com mais suavidade, pois as mudanças físicas vão ocorrendo gradualmente e não de um dia para o outro, de modo que é possível regular a dose para que, assim, a lentidão signifique tempo para observar o corpo mudar, agrega confiança ao momento de fazer uma escolha cercada de incertezas. Porém, isso não significa que acompanhamento profissional não seja necessário e prioritário, apenas que diversas perspectivas podem ser consideradas.

Entrar em contato com diversos modos de se entender e se afirmar não-binária é um movimento importante para a ruptura com o binário de gênero nos modos de ser, pensar, agir e sentir. Porém, se entender como pessoa não-binária não elimina os lugares binários impostos que são “oferecidos como opção”. Isso se deve ao fato dos imaginários sociais permanecerem presos à figura da mulher e do homem, ou seja, ainda que você se identifique fora do binário de gênero, será lida como uma ou outro. Diante dessa incompatibilidade entre o modo como nos percebemos e como somos vistas, nossas existências não são reconhecidas. Por isso, acabamos optando por modos de nos vestir e de nos posicionar no mundo que nos sejam o mínimo estranhos possível; estratégias toleráveis, mas não desejadas. Acabamos nos afirmando no campo da masculinidade ou da feminilidade da expressão de gênero, para que nossos pronomes sejam respeitados e minimamente não sejamos lidas como pessoas cisgêneras. No Grupo, participantes relataram que deixaram de usar elementos de maquiagem na tentativa de não serem lidas como mulher cis, ainda que gostassem de usar batom em algumas situações, por exemplo. Isso não significa que estejam confortáveis, visto que apesar de ser uma escolha, não existem muitas possibilidades de diferenciação. Nesse aspecto, deixar de usar batom é mais tolerável do que ser repetidamente vista como mulher cis. Fazemos uso de estratégias como a mencionada acima para sermos respeitadas. Porém, ao invés de operarem como afirmadoras de nossas existências, podem produzir o oposto, uma vez que

podemos acabar nos afastando do que gostamos em prol de corresponder ao que é esperado das expressões de gênero normativas, e até não saber mais como gostaríamos de nos expressar em termos de gênero. Em algumas ocasiões no Grupo Dissonâncias ouvimos sobre essa dúvida, por exemplo, quando uma pessoa se questionou se gostava de usar certas roupas ou apenas usava para que não a enxergassem no lugar da feminilidade.

Acabamos nos camuflando em uma expressão de gênero binária como estratégia de proteção, pois sabemos, como falou uma participante, que a linguagem que usamos conosco, diz sobre o que sentem sobre nós. Entretanto, não devemos depositar na aparência física toda expectativa em sermos reconhecidas como trans e não-binárias, até porque nem sempre as mudanças corporais vão ser suficientes para o respeito e a legitimação de uma existência, e o reconhecimento como não-binária, não existe. Nesse sentido, as coletividades não-binárias como espaço de afirmação de existências desconformes de gênero, bem como a extrapolação do esperado de transmasculinidades e transfeminilidades, contribuem para a violação das leis da masculinidade e da feminilidade. “Abandonar ‘títulos’ [termos classificatórios] não é um luxo, mas uma necessidade, repleta de riscos y contradições, pois assim o corpo fica mais leve para viajar, experimentar a estrada da transformação” (LEAL, 2021, p.63).

Por isso a importância de praticar a desobediência; se questionar: por que preciso de reconhecimento (como não-binária) para me auto afirmar/existir? Em vez disso, experimentar o exercício de me autorizar a usar o que antes achava proibido para a des-identidade de gênero que busco afirmar e, por isso, deixei de usar: vestido, barba, maquiagem, cabelo curto/comprido, não comprimir os seios/ o pênis, etc. Como disse Jota Mombaça (FLUP, 2022), “eu não quero só peito..., eu quero peito TAMBÉM (risadas)”. Não precisamos de reconhecimento para existir, nós já estamos aqui e, justamente por isso, incomodamos. Vamos “bugar” o sistema, a lógica binária, linear e causal de organização do mundo em mulheres e homens, e tomar isso como máxima da desobediência de gênero, enxergando nela uma estratégia de “redistribuição da violência” (MOMBAÇA, 2021, p.73), visto que não queremos ficar sozinhas com todo o sofrimento que acompanha a dissidência de gênero.

Não somos nós ês responsáveis pelas opressões de gênero. Para desmontar o binário de gênero é importante transformar nosso incômodo como dissidentes no incômodo de outras



peçoas, em especial das que desejam a manutenção das lógicas binárias. Precisamos redistribuir o desconforto que ê outre nos causa, incomodá-lo, fazê-lo pensar e sentir as violências e como elas nos afetam, constrangê-lo. Como destaca Mombaça (2021), a violência é estratégia de um projeto de poder que opera estreitamente vinculado à cissupremacia, à heteronormatividade, ao neocolonialismo, ao racismo, ao sexismo e à supremacia branca. Por isso, não é justo que apenas “nós - que assumimos como ética da existência a desobediência à normalidade social (...) - tenhamos de lidar com esse risco” (MOMBAÇA, 2021, p.73). O risco é uma ameaça diária à vida quando seus modos de agir e aparentar são considerados inapropriados e estão visíveis a todes. Então, Mombaça postula que a redistribuição da violência é uma emergência e um projeto de justiça social (MOMBAÇA, 2021).

Diferente do que se possa pensar, a redistribuição da violência não é seu uso indiscriminado, mas uma ferramenta de autocuidado, de modo que possamos aprender formas de autodefesa que nos sirvam, inclusive, a reconhecer nossos limites. É uma necessidade, visto que somos ensinades a não reagir à violência que nos é dirigida, de modo que precisamos aprender outras formas de nos perceber e perceber nossa própria vulnerabilidade, além de adquirir coragem para desobedecer (MOMBAÇA, 2021). Como bem afirma a autora, trata-se de uma guerra contra nossas existências desobedientes, que foi declarada à nossa revelia (MOMBAÇA, 2021) e à qual precisamos reagir. Queremos que as normalidades, que assim se intitulam, mas são incapazes de se nomear e reconhecer o espaço privilegiado que ocupam frente a nós (os modos de existência desobedientes), que somos a maioria, mas estamos às margens, vejam o regime que as sustenta, desmontar, entrar em crise atrás de crise, abalando o imaginário de domínio e controle que tem sobre nossas vidas. Nosso trabalho é, portanto, questionar seus princípios normativos, confrontar sua suposta natureza e o ponto de vista colonizador. É uma luta pelo “Fim do mundo como o conhecemos” (MOMBAÇA, 2021, p.82), e nós estamos aqui “para roubar tempo” (MOMBAÇA 2021, p.17). Inspirades em Jota Mombaça, queremos reimaginar o mundo a partir da ruína deste mundo que conhecemos. Porém, não queremos projetar mundos novos, imaginar o que está por vir. Queremos apostar nas linhas de fuga, criadoras, e na potência de criação infinita e impossível (MOMBAÇA, 2021).

Como não-binárias, não queremos ser reconhecidas, pois o reconhecimento, a passabilidade, é somente como mulher ou como homem. Logo, esse exercício de experimentação de modos outros de existir, é justamente uma aproximação com o que não é reconhecível, o que não é possível, o que não é finito. São produções incessantes de desvios que nem sabemos definir, pois não são (e nem querem ser) definíveis! Ser desviada é ser uma pessoa desviada de tudo, alguém que se afirma na deriva da experimentação, na incerteza de quem se é e de como se faz ver: “não pede permissão, não exige reconhecimento, ela só (se) afirma, e (se) afirma errantemente nas precárias y singelas experimentações infinitas do corpo enquanto estrada, encruzilhada, desvio, retorno, beco sem-saída, ponte, atalho...” (LEAL, 2021, p.63). E como seremos lides quando sairmos na rua? Não sabemos! E esse não saber nos coloca em uma situação de vulnerabilidade. Por outro lado, não queremos saber mesmo. Queremos causar confusão, desordem, desconforto! E queremos que vocês sintam conosco o incômodo que carregamos o tempo todo por não pertencermos. Certamente, essa não é uma tarefa simples. Até para nós, que estamos à margem do sistema binário de divisão do mundo, é difícil o movimento de abrir mão da norma. Não há como negar que ela nos constitui visceralmente, ainda que de modo artificial e imposta à nossa carne. Buscamos negar essas Mentiras que nos fazem engolir como Verdades, porém, trata-se de um processo demorado e que vai causar ainda muita dor. Reivindicamos, aqui, a divisão dessa dor. Não vamos ficar com ela sozinhas. Por bem ou por mal.

A divisão do mundo como o conhecemos (MOMBAÇA, 2021) em categorias de gênero, raça e hierarquia no mapa evolutivo das espécies é um acontecimento marcado pelo colonialismo e suas manifestações de poder e dominação sobre povos originários. Assim como a colonialidade, ferramenta de exercício do poder, é o que sustenta a perpetuação de estruturas de opressão e dominação. Se durante séculos fomos divididas entre humanos e não humanos, sendo os humanos europeus, brancos e do sexo masculino, todo o “resto”, a maioria, foi designado à condição de não humano. Argumentava-se que as bases epistemológicas desses povos não possuíam características de civilização, sendo inferiores às europeias. No século XXI os sujeitos ainda são enquadrados na posição de humanos, a quem



devem ser garantidos direitos, ou de não humanos, que são condenados à vida nas margens dos sistemas.

Sujeitos que não têm o caráter de humanidade reconhecido, são destinados à zona da animalidade, onde não são vistos ou ouvidos. A transgeneridade no contexto latino-americano, além de borrar as oposições de sexo e de gênero, estremece a oposição humano/animal (LEAL, 2021). Se afirmar dissidente das dicotomias abre uma fissura no campo de possibilidades para que se rejeitem categorias, recusando o binômio inclusão/exclusão, no qual toda existência incluída pressupõe outra excluída, de modo que buscar a inclusão reforça a exclusão. Nesse sentido, Jota Mombaça (2021) não quer se fazer entender. Se afirma no impossível e no infinito das existências, abrindo mão do reconhecimento de sua humanidade. A autora abdica da legitimação de sua existência por outres para se afirmar no mundo, pois, segundo ela, a única salvação é o fim do mundo como o conhecemos (MOMBAÇA, 2021). “Estávamos condenadas a correr indefinidamente, a fugir sem pausa, a nos esconder de todas patrulhas, a recusar todos os abrigos e a desfazer todos os pactos com o mundo” (MOMBAÇA, 2021, p.94-95). O que nos resta é a construção de linhas de fuga, exorbitar para habitar outras órbitas, se fazer na monstruosidade da existência, reinscrever em outra superfície “O grito de um *ser* *monstro* que tem sua humanidade arrancada por humanos” (LEAL, 2021, p.37). As monstruosidades apostam em outras vias de experimentação, em desvios e derivas que buscam afirmar as singularidades impossíveis, precárias, fracassadas, não-humanas e a “diferença infinita que não pretende ser assimilada pelos regimes normativos de representação” (LEAL, 2021, p.74).

Quando Jota Mombaça (2021) recusa se fazer entender pelos termos e classificações coloniais, afirma a condição irreduzível de sua existência singular. Ao invés de concordar com a condição de inteligibilidade, ela advoga pelo direito de ser confusão (MOMBAÇA, 2021), pelo direito de ser um monstro, afirmando sua existência a partir do que faz sentido para ela e não para se encaixar em uma categoria já pronta, que a coloca na condição de objeto de conhecimento. Mombaça (2021) busca fazer da sua existência um percurso infinito a passos tortuosos, permanecendo na indefinição e incompreensão, sendo assim, indecifrável. A infindável busca por legitimação da própria existência é um processo muito doloroso, pois pressupõe exclusão. Portanto, a escolha de Mombaça (2021) em percorrer os caminhos das

brechas, se ajuntar com ês dissidentes de gênero - “Na radicalidade do impossível” (MOMBAÇA, 2021, p.14) - é uma forma de apostar na vida, de fazê-la vingar: “porque embora não haja exílio, há a fuga. A fuga para onde estas palavras ruma. A fuga onde a gente se encontra” (MOMBAÇA, 2021, p.16). A autora conta que no processo experimental de abrir mão da humanidade, outras possibilidades apareceram. E mesmo que ela não soubesse dizer quais, sentia que estava em toda parte, ainda que também sentisse que não estava em parte alguma (MOMBAÇA, 2021). “E em sendo nada, eu finalmente podia ser qualquer coisa. E tudo.” (MOMBAÇA, 2021, p.128).

Entretanto, mesmo abrindo mão da legitimação, algumas dificuldades permanecem. A relação entre trabalho e afirmação de uma existência dissidente de gênero é motivo de preocupação de não-binários. Uma participante compartilhou que na posição que ocupa na empresa em que trabalha, com exceção delu, que é lide como uma mulher cisgênero, todas as outras pessoas são homens cisgêneros. Por isso, elu tem receio de mudar as roupas que usa para trabalhar, uma vez que existe uma expectativa sobre a figura da mulher no ambiente executivo e romper com ela pode trazer consequências para as relações estabelecidas no ambiente de trabalho e até a perda do emprego.

A partir dessas limitações que os papéis e as normas de gênero colocam à expressão de gêneros inconformes, uma participante do Grupo lançou uma reflexão sobre o que fazemos para compensar quem somos quando não correspondemos às expectativas sobre nós. Elu afirma a importância de nós nos escolhermos e não encolhermos, pois ou a gente se expressa ou busca aprovação da família, de amigos, no trabalho. Esse momento de questionamento dos instituídos das relações interpessoais nos coloca diante de uma abertura ao encontro com outras possibilidades de existência e criação de formas outras de expressão (BARROS, 2007), diminuindo o movimento de nos cobrarmos quanto a essas expectativas.

Uma importante característica que atravessa a experiência de minorias políticas, tais como das pessoas não-binárias, é a solidão, que se apresenta de vários modos e se intensifica na experiência não-binária por ser um modo de existência dissidente do estatuto binário de divisão do mundo. A solidão aparece como reflexo da animalização das subjetividades trans. Desse modo, além de ser um modo de existência não compreendido por pessoas de um modo



geral, dentre elas, aquelas que acreditam no “fundamentalismo cisgênero” (MOMBAÇA, 2021, p.17), a própria comunidade LGBTIA+, inclusive mulheres e homens trans, apresentam dificuldade de compreensão dessa existência que recusa o gênero como substância. Logo, a fuga de gênero - onde fuga é processo que não busca um fora, não abandona a “cidade”, pois é o fora que dela se aproxima e esbarra o tempo todo (LEAL, 2021) - empurra o sujeito para uma posição de não-lugar. Desse modo, a existência dissidente, que já se depara com o estranhamento frente às multiplicidades (LEAL, 2021) que se apresentam, se encontra com a solidão. Porém, como vimos com Jota Mombaça (2021), é na fuga que nos encontramos, em nossos não-lugares e criamos nossa resistência coletiva, traçando linhas outras, que criam territórios existenciais habitáveis, que se fazem no “entre”: “sempre há uma saída, até nas ruas sem-saída” (LEAL, 2021, p.50), e ela é o impossível que habita as infinitas possibilidades existenciais.

A solidão apareceu em vários momentos dos encontros do Grupo Dissonâncias. És participantes relataram que se sentem sós por conta de não terem pessoas não-binárias como parte do círculo social próximo e que não se sentem confortáveis para falar sobre assuntos a respeito da não-binaridade em círculos nos quais se destacam pela dissidência de gênero. Além disso, expressaram seus afetos a respeito do distanciamento de familiares que contestam o modo como se expressam. Importante localizar que a maioria dos integrantes do Grupo não era assumida para a família. Logo, as “queixas” de familiares não eram muito a respeito da afirmação enquanto não-binária, mas de um incômodo perante às modificações que não os agradam. Uma participante contou que havia conversado com pessoas da família sobre a mudança de pronomes e de nome e não foi bem recebida. Disse que esses familiares começaram a fazer terapia para “lidar com o problema” dela e amigos zombaram do nome escolhido. Por conta desses acontecimentos, és participantes contam que vão deixando de compartilhar a vida e se afastando da família. Percebe-se, então, que o círculo social vai se fechando, assim como os espaços onde não-binários se sentem confortáveis.

Essas situações mostram como é importante uma rede de apoio constituída também por não-binários e pessoas trans em geral. Trata-se de um investimento em acolhimento situado, se aproximar de pessoas que acessam uma situação de violência de um lugar diferente de pessoas cisgêneros, diante de momentos delicados nos quais é preciso mais do que suporte.

Essa rede de afetos específica tem seu papel e não pode ser desprezada a partir da insistência de que qualquer pessoa, seja cis ou trans, tem a capacidade de fazer um acolhimento cuidadoso. Nesse sentido, destacamos a manutenção do contato entre os participantes e a continuidade de encontros organizados por eles. Os laços tiveram continuidade depois do Grupo e se prolongaram para outros espaços e outros contextos, como uma rede de apoio. Não defendemos, aqui, a criação de um grupo fechado em si mesmo, que ignora o que está para além dele, porque já vimos que não é sobre isso. É um investimento em acolhimento, é uma estratégia de sobrevivência. É a possibilidade do que antes não era possível, como ocupar lugares na cidade e nos demais espaços sociais.

Desse modo, é fundamental que pessoas trans estejam rodeadas de outras pessoas trans. Não porque todas as pessoas trans sejam iguais ou sempre compartilhem algo em comum, mas porque conhecer pessoas trans é importante para enxergar que existe um campo infinito de possíveis dentro de existências dissidentes de gênero, e estar com pessoas trans é reforçar a própria existência, afirmá-la no campo de possibilidades. Vale lembrar que habitar um mundo rodeado de pessoas cisgêneros pode nos convocar a um lugar de erro de nossas existências não-binárias. Diariamente precisamos lembrar que podemos transitar pelos modos de identificação e expressão de nós mesmas, que não estamos sozinhas no mundo e que não precisamos de reconhecimento para sermos existências válidas. “E NÓS, JUNTAS, FIZEMOS TUDO À NOSSA VOLTA VIBRAR. Estamos cansadas de sempre perder tudo. Será preciso também tomar algo, cortar o mundo” (MOMBAÇA, 2021, p.98).

Apareceram algumas falas no Grupo que destacam essa importância. Quando uma participante conta que muitas vezes se sente uma fraude e se pergunta se está entendendo errado o que está sentindo e quem ela mesma é. Outras pessoas comentam que também já se sentiram uma fraude, e, nesse sentido, escutar outras falando sobre isso fez perceber que a não-binaridade de gênero “não é loucura da nossa cabeça”. Nos damos conta de como a solidão da pessoa trans a coloca em um lugar de invisibilidade e de dúvida a respeito da credibilidade do modo como se percebe. É preciso, neste momento, puxar linhas de afirmação de vida, de modos de existência não-binários, ampliar essas existências nas suas múltiplas formas de expressão para outros espaços, fora do Grupo, em direção à vontade de viver, à



vontade de afirmar existências possíveis e impossíveis e à afirmação da própria existência como contradição (LEAL, 2021). Podemos ser tudo ou nada ao mesmo tempo. São, acima de tudo, modos de se expressar contra a patologização das existências trans, que estão longe de ser um fenômeno individual, pois são manifestações do desejo que se expressam e se afirmam no social, na interação dos corpos (em sua capacidade de afetar e ser afetado), pois o desejo só funciona em conexão, produzindo intensidades e movimentos de criação de sentido. Produção do desejo é produção de realidade (ROLNIK, 2016).

Um grupo como dispositivo é uma possibilidade de experimentação, de presenciar a experimentação dos outros, de acompanhar os processos de desidentificação e de criação. “É exatamente por não se saber onde se está mais, quer seja por ter abandonado posições ou por nunca as terem tido de fato, que a experimentação ganha terreno” (LEAL, 2021, p.63). Um grupo não deixa de ser um pedaço do mundo, é onde se diz: "posso reinventar quem eu sou, posso existir". É onde se cria espaço de existência, território, se experimentam outros pronomes e se acostuma com o eterno pedir que se usem estes ou aqueles pronomes, se livrando da culpa e da vergonha de se afirmar, de corrigir quem erra os pronomes, assim como do estranhamento ou espanto que se percebe no olhar de alguém quando se usa um pronome e a aparência não corresponde com o que se espera daquele corpo. Pressupor pronomes pela aparência se mostra cada vez mais sem sentido. Os modos de existencialização são múltiplos, estão sempre se des-re-fazendo (LEAL, 2021, p.38), há sempre afetos pedindo passagem. Permitir que os afetos passem, gera brilho, expande intensidades, organiza territórios (temporários): “foi porque se deixou sonhar, a partir das intensidades vividas naquele encontro, que ela se abriu: assim puderam se produzir em sua existência objetos e modos de subjetivação correspondentes. É isso que lhe permitiu viver o encontro, torná-lo real” (ROLNIK, 2016, p.45).

Um acontecimento especial em um dos encontros convocou ês integrantes a pensar sobre como as relações entre pessoas trans compõem as experiências de ser uma pessoa trans. A partir da leitura de um texto de Pêdra Costa, “Manifesto contra os desejos capitalistas” (2019), em que ela diz: “Quando um de nós é ferido, todx[e]s nós sentimos” (COSTA, 2019, p.66), uma pessoa que participou do Grupo escutou: “Quando um de nós é querido, todes nós sentimos”. Essa produção de desvio na frase de Pêdra nos convida a olhar para duas

dimensões: a importância da rede de afetos entre pessoas trans e a abertura de possibilidades no contexto das existências trans. Em um contexto onde as narrativas trans, principalmente os discursos de pessoas cis sobre as experiências trans, são preenchidas por histórias de dor e sofrimento, que ressaltam as produções de morte desse grupo social, em detrimento da produção de narrativas afirmadoras de vida, a pessoa participante do Grupo traz uma torção de sentido quando escuta outra versão da frase. Coloca-se em destaque a dimensão de cuidado e carinho que se produz entre pessoas trans, descentralizando a dimensão de sofrimento, que já é tão evidenciada. Desse modo, a nova versão da frase de Pêdra cria uma fissura, inclusive entre os participantes do Grupo, que se sentiram convocadas a compartilhar afetações e percepções a respeito da constituição de laços entre pessoas trans. Outra participante falou sobre como fica feliz quando vê outra pessoa trans conquistando algo, por exemplo, ter o nome social respeitado, conseguir afirmar a própria existência para a família e amigas, realizar as mudanças corporais que deseja, etc. É preciso, entretanto, apontar um cuidado que devemos ter: precisamos estar sempre atentos para não romantizar as experiências trans, como se a coletividade trans aplacasse a dor causada pela exclusão, assim como não podemos generalizar que todas as pessoas trans têm interesses semelhantes e que querem ou devem ser amigas.

Alguns encontros depois, quando uma participante contou que havia mudado seus pronomes e gostaria de ser chamada por outro nome, percebemos várias pessoas emocionadas no Grupo, pessoas que celebraram o acontecimento e as que se sentiram convidadas a compartilhar as mudanças que estavam percorrendo. "Outras transições nos atravessam, porque a transição não se multiplica por filiação, mas por contágio!" (LEAL, 2021, p.128). Leal (2021) conta que as mudanças dos outros a modificaram não apenas porque ela também precisava mudar conforme os amigos transicionavam, mas também porque indicavam que a mudança era um caminho possível. Logo, acompanhar as mudanças dos outros nos faz vibrar em outras intensidades. Assim, nos permitimos "habitar o ilocalizável" (ROLNIK, 2016, p.39), e criar um território possível para os afetos que se produziram naquele encontro, podendo expandir e irrigar nossas existências (ROLNIK, 2016). Por isso, precisamos povoar o isolamento, não reforçar a solidão. "Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma



vez aos pedaços, nós nos espalharemos. (...) como peste: no cerne do mundo, e contra ele” (MOMBAÇA, 2021, p.28), como um germe potencial para outras existências.

O processo de fragmentar territórios rígidos e traçar paisagens habitáveis, rearticulando as modulações do ser, precisa ser um processo feito com prudência. Primeiramente, porque é impossível escapar completamente das armadilhas de gênero - o fora não existe, lembram? - (LEAL, 2021), e, segundo, porque uma ruptura brusca desencadeia um processo de desterritorialização demasiado intenso, que nos leva ao vácuo existencial.

por mais que voem longe y alto (em brisas y viagens delirantes, não nego), estão aterradas em experiências y experimentos. Na forma de suas linhas y no odor de suas palavras. (..) entre estrondos y gemidos, entre barricadas em chamas y crises de choro, (...), entre vidros estilhaçando y conversas brisadas (LEAL, 2021, p.16).

Como diz Tatiana Nascimento, “fazemos rotas de fuga com trocas de afago” (2019B, p.31-2 apud LEAL, 2021, p. 12). É na fuga que a gente se encontra, onde “nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas” (MOMBAÇA, 2021, p.14). Com essas autoras reconhecemos a relevância da dimensão da produção afetiva no encontro para percorrer o desmantelamento de integridades e insinuar a desobediência de gênero. É na multidão de estilhaços que criamos outros modos de estar juntas, que reconstruímos modos de habitar a vulnerabilidade em grupo. Essa multidão que se faz de movimentos abruptos, desordenados e incapturáveis, desmantelando “as ficções de poder que nos matam e aprisionam” (MOMBAÇA, 2021, p.19), é a quebra (MOMBAÇA, 2021). Sua resistência à definição possibilita “a reunião de forças, entidades e existências” (MOMBAÇA, 2021, p.24) sem aniquilar as singularidades de cada corpo e de suas feridas, mantendo a abertura para outros movimentos (MOMBAÇA, 2021). Para Mombaça (2021), estarmos juntas na quebra, “tem a ver com habitar espaços irrespiráveis, avançar sobre caminhos instáveis e estar a sós com o desconforto de existir em bando” (2021, p.26), tocando nas feridas des outras.

Nos encontros do Grupo Dissonâncias, nossos cacos estilhaçados por forças normalizadoras de gênero (e racistas, colonialistas), se ajuntam, produzindo sonoridades violentas que “instigam a imaginação a tomar rumos radicais!” (LEAL, 2021, p.185). Pois, a quebra não é o fim, mas o movimento de destruição que convida à criação de coreografias dissonantes e imprevisíveis. Desmanchar e montar territórios é um processo sem fim.

“encontrar entre os cacos de uma vidraça estilhaçada, um liame impossível, o indício de uma coletividade áspera e improvável” (MOMBAÇA, 2021, p.26). Ou seja, dos cacos de nossas existências não-binárias feridas, “cumplicidades se forjam, juntando os corpos quebrados na dança dos tilintares” (LEAL, 2021, p. 187). A cumplicidade para Jota Mombaça (2021) é um combinado que desfaz o significado convencional da palavra, geralmente pensado a partir da supressão de singularidades e diferenças. Os laços que se produzem “Na quebra. Juntas” (MOMBAÇA, 2021, p.11) são compostos pela multiplicidade e diferença. A costura “polifônica y dissonante” (LEAL, 2021, p. 188) se faz de linhas de diferença que se conjugam em um fluxo caótico e harmonioso, constituindo paisagens temporárias, infinitas, em múltiplas direções e a muitas mãos. Os diferentes modos de expressão e entendimento da não-binariedade para cada integrante do Grupo, se encontram ali, num ajuntamento cuja força está justamente nas multiplicidades. Elas ultrapassam o gênero, pois parte dos processos de singularização perpassa as questões de raça, classe, cidade, idade, ocupação, suas interseccionalidades e muito mais.

A força dessa articulação diferencial não apenas abala o medo euro-branco das diferenças, mas ao fazê-lo, abre-nos para um outro horizonte ético-político da ação coletiva, precária, quebrada. Aí a diferença não é o que afasta, mas aquilo que ajunta. Nessas coreografias, elas também tocavam “a quebra umas das outras” (MOMBAÇA, 2019, p.17), as diferentes quebras que cada uma trazia inscrita em *s/í* e aí também tocaram as *m/inhas* quebras (LEAL, 2021, p.190).

Portanto, Mombaça (2021) propõe que se criem outros modos de coletividade, que os modos de conexão afetiva também se refaçam (MOMBAÇA, 2021). As pistas que Mombaça (2021) traz para que possamos trilhar caminhos à margem das subjetividades capitalísticas (GUATTARI E ROLNIK, 1996) fazem parte de uma barricada para ganharmos tempo, não são um manual. A quebra é incapturável, extrapola os limites que forjam uma integridade, sendo, assim, indefinível. Seus movimentos são abertos, não há um interior e exterior à quebra, de modo que se tem “uma sensação permanente (pelo menos para mim) de pontas soltas” (MOMBAÇA, 2021, p.25), sempre em composição e produzindo vida. Portanto, os encontros que se fazem na quebra e no Grupo, estão o tempo todo produzindo experimentações, criando abertura para sentidos outros, dentre eles a desobediência de



gênero. O combinado que se faz na quebra, nesse “ajuntamento fugitivo” (LEAL, 2021, p.192), é de ficar com o impossível, o incompreensível, o não saber e as incertezas. “O tempo da guerra não pode ser atravessado sem a criação de alianças” (LEAL, 2021, p.192), e visto a impossibilidade de compreender e ter certeza, acolhemos a angústia da incerteza e ficamos “com o *sentir*” (LEAL, 2021, p.190). O que se cria na quebra, e também no Grupo, é ferramenta de sobrevivência, improvisada, contra o inimigo (LEAL, 2021). Sobrevivência é “um excesso de vida que resiste ao aniquilamento” (DERRIDA, 2001, p.78 apud LEAL, 2021, p.187). “Assim, fugindo do entendimento em direção à imaginação, ela nos possibilita uma outra forma de escapar da ordenação colonial do mundo” (LEAL, 2021, p.191). Portanto, ao nos posicionarmos em discordância à matriz cisgênero, com a produção de (im)possibilidades que se posicionam além da colonialidade, ficamos, no “meio” das contas, com o incompreensível, o impossível e as incertezas.

Ficamos pelo “meio”, pois abrimos mão de totalidades que nos capturam e substancializam em identidades dicotômicas e imutáveis, recusamos a busca incessante pelas origens e rumamos a outros caminhos, desconhecidos, apostando no processo de caminhar e na transformação constante. Um grupo é um “entre”, pois não existe um dentro em oposição a um fora, mas uma sucessão de “entres” (ROLNIK, 2016, p.45), que não deve se cristalizar em imagens, pelo contrário, se fazer de processualidade e experimentação.

Quando modos de existência entram em contato com outros modos, no contexto de um grupo, desestabilizam-se representações, desorganizam-se territórios, experimentam-se outras composições e aproxima-se de fluxos sem forma pré-concebida, colocando-se em processo de diferenciação (BARROS, 2007). O comum é a força “de um desvio que só quer escoar sua afirmação” (LEAL, 2021, p. 52). Os afetos produzidos nos encontros pela ação de um corpo sobre o outro pedem passagem (ROLNIK, 2016) rumo à criação de outros sentidos, outros mundos. Criam-se outras linhas de conexão, com aquilo que não podia aparecer, produzindo movimentos de experimentação e expressão: “a sensação de potência pairando no ar! Era essa intensificação do desejo em sua força produtiva: uma sede insaciável de criar mundo” (ROLNIK, 2016, p.90). Participantes do Grupo Dissonâncias compartilharam que a partir do momento em que foi possível dar passagem ao que antes não podiam, a arte voltou a aparecer como possibilidade de expressão sobre as angústias enfrentadas diante de uma crise de

desterritorialização (ROLNIK, 2016, p.51), como uma possibilidade de dar forma provisória aos afetos. Isso foi percebido por quem pinta, por quem desenha, por quem escreve.

Infinitas linhas inconclusivas da fuga de gênero

Como terminar um artigo que nunca se pretendeu terminar? Que a partir do momento em que termina, interrompe a proposta metodológica que sustenta nossas ações em um dispositivo grupal? Talvez devêssemos terminar por onde poderíamos ter começado, já que sabemos que este fim é apenas estratégico e formal, pois na verdade se trata de um início que imagina o fim do mundo como o conhecemos e a impossibilidade de prever o que está por vir.

Então, para você que chegou até aqui, que caminhou conosco neste percurso de escrita e criação, de composição de uma rede aberta de linhas infinitas, e que está se perguntando o que faremos agora: nós seguimos! Seguimos apostando na afirmação da vida, na intensificação do desejo, na criação de existências dissidentes e impossíveis de gênero. Seguimos investindo nos processos de singularização dos modos de ser, pensar e agir em seus movimentos de desidentificação com as estruturas coloniais racistas, transfóbicas, sexistas e patriarcais. Tecemos paisagens fugitivas, precárias e temporárias “com suas melodias dissonantes y sua coreografia barulhenta” (LEAL, 2021, p.193).

Seguimos pelo meio e com o meio, pois é por ali que percorrem as coletividades processuais, por onde nossas existências opacas, infinitas e impossíveis vivem se esbarrando, atravessando e (de)compondo. Seguimos juntas, traçando linhas de fuga, seja em nossos encontros dissonantes de gênero ou a partir de outras composições e relações. Seguimos fazendo ajuntamentos temporários, destruindo e criando, afirmando nossas existências no que têm de mais potente, lembrando sempre que nem só de dor e angústia se fazem os processos de desterritorialização. “Trocamos muito ali: gargalhadas, referências, reflexões, carinhos, memes, rotas de fuga... fofocas, premonições, desejos, contatos” (LEAL, 2021, p.194).

Como vimos, a revolução se faz com doses de afeto e rotas de fuga. Afinal, não basta estudar sobre as violências para combatê-las e desmontá-las. É preciso que as transgressões aconteçam também no campo dos afetos, pois são eles que movem os atos de violência.



Somos nós que fazemos a revolução. Portanto, não podemos esquecer também de acolher nossas desobediências de gênero, assim como as de quem compõe nossas coletividades. Somos milhares que estamos, há décadas, abrindo ranhuras em território denso, sendo derrubades e nos reerguendo mais uma vez. Somos também milhares que não tivemos antes condição de perceber e afirmar essas existências desobedientes, que tivemos infâncias cerceadas. Estamos, agora, tentando acolher nossas dissidências e monstruosidades, afirmar nossa potência para criar outros territórios existenciais, produzir lugares antes inimagináveis. Fugimos do entendimento e nos abrimos à imaginação infinita, pois assim escapamos da captura de nossas existências. “Aqui. Aqui ainda” (MOMBAÇA, 2021, p.14). Ainda vamos provocar muito desconforto.

“Mas algumas dessas crianças, *crianças perdidas*, estão chegando ou passando dos seus 30 anos. Elas agora estão dando aulas em escolas da rede pública ou em universidades, estão atuando em sindicatos, estão organizando manifestações contra o aumento das tarifas, estão montando programas de rádio livre; elas já organizaram oficinas de autodefesa e já distribuíram *sprays* de pimenta y canivetes para desertoras de gênero y sexualidade; elas já organizaram oficinas de desprogramação de gênero y orgias; (...), algumas delas já fizeram o Caveirão recuar na base da pedrada; elas já esfaquearam transfóbicos y fizeram escrachos públicos contra estupradores; elas já ocuparam casas; essas crianças estão recebendo em Euro por suas performances artísticas na Europa; já estão publicando seus livros, estão sendo citadas em canções y em outros livros; **seus textos estão sendo ensinados em universidades públicas**. (LEAL, 2021, p.20 - grifo nosso).

Referências

- BAREMBLITT, Gregório F. (Org.). **O Inconsciente institucional**. Petrópolis: Vozes, 1984.
- BARROS, Regina Benevides de. **Grupo: a afirmação de um simulacro**. 1. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.
- BUTLER, Octavia E. **Despertar – Xenogênese Vol I**. Tradução Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.
- COSTA, Pêdra. **Pêdra Costa: uma trajetória 2004-2017**. São Paulo: Edições Sesc, 2019. Disponível em https://www.academia.edu/43724035/P%C3%AAdra_Costa_2004_2017 Acesso em 29 abr. 2022.
- DELEUZE, Gilles. **Dois regimes de loucos: Textos e entrevistas (1975-1995)**. Tradução Guilherme Ivo. X. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.



FLUP 22 - IMAGINAÇÃO INFINITA. Participação de Cíntia Guedes, Jota Mombaça e Nego Bispo. Mediação de José Fernando Peixoto de Azevedo. **Festa Literária das Periferias**. Rio de Janeiro, 2022. 1 vídeo (85 min e 20 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OvYEKSFLngM>. Acesso em: 02 maio 2022.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

LEAL, abigail Campos. **ex/orbitâncias**: os caminhos da deserção de gênero. 1. ed. São Paulo: GLAC edições, 2021.

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **PENSAMENTO FEMINISTA HOJE**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 52-83.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MURURÉ, Flor de. T-Eu Sou Flor. In: **Flor de Mururé**, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qZCpUMZwFZM> Acesso em: 03 maio 2022.

PRECIADO, Paul. **TESTO JUNKIE**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução: Maria P. G. Ribeiro com contribuição de Verônica D. Fernandes. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PRECIADO, Paul. Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas. Tradução Sara Wagner York/Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior. Revisão de tradução Carolina Torres. **Revista a palavra solta**, 2020. Disponível em: <https://www.revistaapalavrasolta.com/post/eu-sou-o-monstro-que-vos-fala> Acesso em: 02 maio 2022.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações Contemporâneas do Desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 02 de setembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 05 de dezembro de 2022.